

**NA**

NÚCLEO  
DE INVESTIGAÇÃO  
ARQUEOLÓGICA

**ERA**  
ARQUEOLOGIA

**11**

# ***APONTAMENTOS***

*de Arqueologia e Património*

ABR 2016

ISSN: 2183-0924

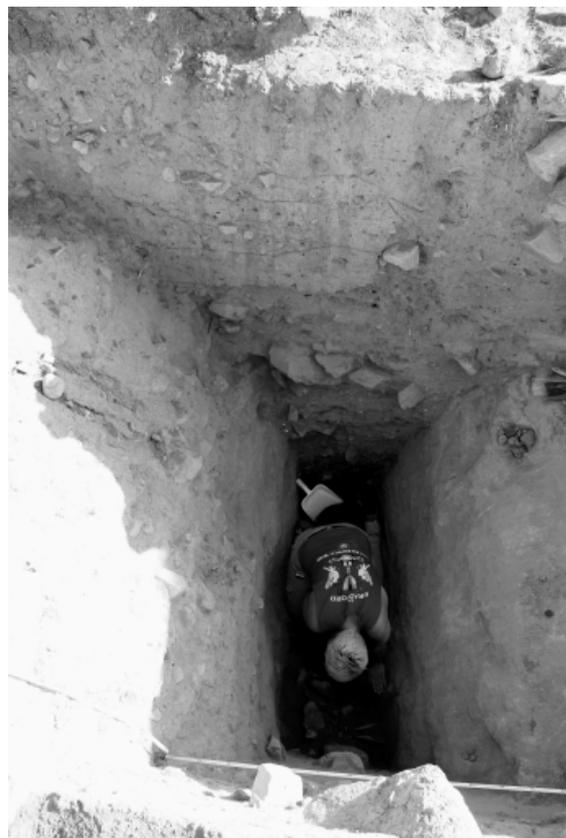
# ***APONTAMENTOS***

*de Arqueologia e Património*

11

ABRIL

2016



## ÍNDICE

EDITORIAL .....	07	Rui Ramos	QUINTA DE SÃO LOURENÇO 2: UM SÍTIO DE FOSSAS NO CONCELHO DE BRAGANÇA .....	53
António Carlos Valera NOTA SOBRE UMA DECORAÇÃO INCOMUM NUM RECIPIENTE DOS PERDIGÕES .....	09	Elisa de Sousa e Marina Pinto	A OCUPAÇÃO DA IDADE DO FERRO NA COLINA DO CASTELO DE SÃO JORGE (LISBOA, PORTUGAL): NOVOS DADOS DAS ESCAVAÇÕES REALIZADAS NA RUA DO RECOLHIMENTO / BECO DO LEÃO .....	59
António Carlos Valera, Ever Calvo e Patrícia Simão ENTERRAMENTO CAMPANIFORME EM FOSSA DA QUINTA DO CASTELO 1 (SALVADA, BEJA) .....	13	Elisa de Sousa, Alexandre Sarrazola e Inês Simão	LISBOA PRÉ-ROMANA: CONTRIBUTOS DAS INTERVENÇÕES ARQUEOLÓGICAS NA RUA DA MADALENA .....	69
Lucy Shaw Evangelista, Miguel Lago e Lúcia Miguel A ANTA DOS ENXACAFRES NO CONTEXTO DO MEGALISTISMO DA REGIÃO DE GRÂNDOLA E SANTIAGO DO CACÉM: UMA PRIMEIRA NOTA .....	21			
Margarida Mendonça e António Faustino Carvalho A COMPONENTE EM PEDRA LASCADA DOS MONUMENTOS FUNERÁRIOS 1 E 2 DO COMPLEXO ARQUEOLÓGICO DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ) .....	33			
Eliana Goufa e Francisco Rosa Correia A INDÚSTRIA LÍTICA DO CASTRO DA COLUMBEIRA (BOMBARRAL, PORTUGAL): DADOS PRELIMINARES E PERSPECTIVAS FUTURAS .....	47			



## EDITORIAL

O presente volume da “Apontamentos” volta a juntar artigos produzidos no âmbito da investigação realizada pelo NIA-ERA, artigos resultantes de trabalhos levados a cabo pelo departamento técnico da ERA e artigos derivados de colaborações externas. Textos que expõem resultados de trabalhos de campo, de investigação e de trabalhos académicos de estudo de colecções artefactuais.

Num tempo em que muitos se deixam aprisionar pelo sistema de publicações arbitradas e indexadas, na busca dos “pontos” que permitam vingar no terreno altamente competitivo em que a investigação hoje vive, pequenos e despreziosos projectos como este continuam a publicar informações e ideias úteis, revelando que há espaço, diria mesmo que há necessidade, para uma pluralidade editorial. Tal utilidade aparece bem representada, por exemplo, na expressão que a “Apontamentos” já conseguiu atingir, visível no número de consultas, “downloads” e citações, tanto a nível nacional como internacional.

Continuamos, pois, seguros que com este contributo editorial não só estamos a cumprir com uma obrigação inerente à nossa actividade, mas também a concorrer para um ambiente de maior diversidade e liberdade, essencial para o desenvolvimento de qualquer ciência e área profissional.

*António Carlos Valera*

# NOTA SOBRE UMA DECORAÇÃO INCOMUM NUM RECIPIENTE DOS PERDIGÕES (REGUENGOS DE MONSARAZ)<sup>1</sup>

António Carlos Valera <sup>2</sup>

## Resumo:

Apresenta-se uma decoração incomum realizada no interior de um recipiente recolhido no complexo de recintos de fossos dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz). Em face do motivo, são propostas duas hipóteses sobre o que mesmo poderá representar, ambas relacionadas com a exploração de ambientes aquáticos: uma pequena jangada ou uma armadilha de pesca.

## Abstract:

### Notice about a rare pot decoration from Perdigões (Reguengos de Monsaraz).

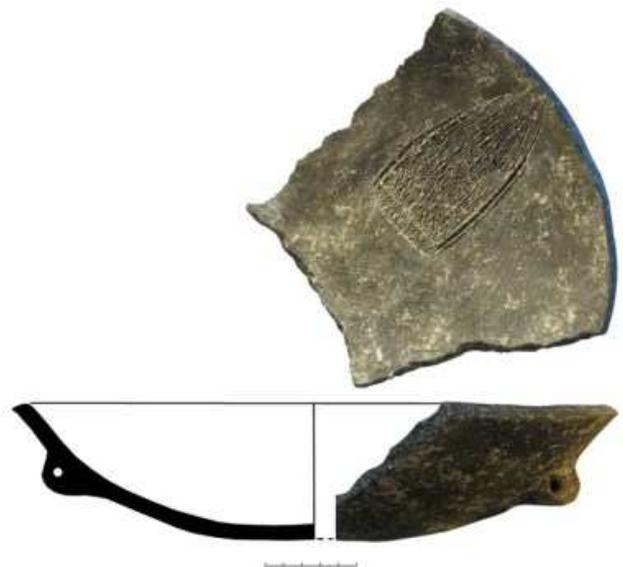
This paper addresses a rare decoration present in a pot recovered at Perdigões ditched enclosures (Reguengos de Monsaraz). In face of the figure, two hypotheses are discussed regarding what might be represented, being both related to the exploitation of aquatic environments: the representation of a small raft or a fishing trap.

## 1. Introdução.

Na sequência da surribo que o sítio arqueológico dos Perdigões sofreu em 1996, e que permitiu uma primeira consciencialização da dimensão e complexidade dos recintos de fossos ali presentes, foi realizada em 1997 uma campanha de sondagens, prospecções e recolhas de superfície no sentido de caracterizar os vários contextos detectados e avaliar o seu grau de afectação e potencial científico e patrimonial (Lago *et al.* 1998). Nesse âmbito foi recolhido à superfície um grande fragmento de recipiente cerâmico que apresentava no interior um motivo decorativo incomum, o qual é objecto da presente análise.

## 2. O recipiente cerâmico e o motivo decorativo

O fragmento em causa corresponde a um recipiente tipo taça com 31cm de diâmetro na boca e uma profundidade de 6,6cm de profundidade, de cozedura redutora. Pelo exterior, sensivelmente a meio da parede, apresenta um mamilo com uma perfuração horizontal, indicando que a peça seria utilizada em suspensão.



<sup>1</sup> Trabalho integrado no âmbito do Programa Global de Investigação dos Perdigões (INARP).

<sup>2</sup> Coordenador do Núcleo de Investigação Arqueológica (NIA), antoniovalera@era-arqueologia.pt.

Centro ICArEHB - UAlg.

Figura 1 – Reconstituição gráfica do recipiente cerâmico que apresenta a decoração interna objecto da presente análise.



Figura 2 – Aspecto do motivo inciso realizado no interior do recipiente cerâmico.

O motivo decorativo encontra-se na superfície interna do recipiente (Figura 1), tendo sido realizado através de linhas e traços incisos, uns mais finos e outros relativamente espessos. A sua forma é ogival, com o bico encostado ao bordo, desenvolvendo-se o resto da figura até 2/3 do interior da taça.

A forma ogival é preenchida por um emaranhado de linhas verticais (convergindo no bico da ogiva) e horizontais, as quais formam um reticulado denso e irregular (Figura 2). Na base da ogiva uma densificação de traços verticais a partir de uma fina linha horizontal parece definir um remate, acima do qual se denotam duas bandas de grossos traços diagonais sobrepondo-se ao reticulado (Figura 3).

Após a realização deste motivo decorativo a superfície interna do recipiente foi brunida de uma forma algo irregular, brunimento esse que circundou a decoração deixando em torno desta uma margem não brunida (Figura 3).

### 3. Hipóteses interpretativas

O motivo decorativo em questão apresenta-se como bastante icomum na iconografia do período em questão (Neolítico-Calcolítico), desconhecendo-se paralelos em território nacional. Parece tratar-se de uma representação isolada, ainda que não se possa descartar a hipótese de se repetir ou de existirem outros motivos nas partes em falta do recipiente. Todavia, estas circunstâncias (figura desconhecida e aparentemente isolada) poderão indicar que se trata de uma representação de algo concreto, de um objecto existente.



Figura 3 – Detalhe do remate da base do motivo e da margem de superfície não brunida que o envolve.



Figura 3 – Motivo do recipiente dos Perdigões comparado com ramadinhas de pesca  
 (Fontes; (2) <http://ojibwe.lib.umn.edu/collection/fish-trap>; (3) <http://collections.museumca.org/?q=collection-item/h161139> .

São bem conhecidos os riscos de procurar estabelecer associações entre representação e representado com base em simples similitudes formais. Tais dificuldades, porém, não inviabilizam a colocação de propostas interpretativas sobre representações, mesmo que estas hipóteses dificilmente possam ser validadas. Assim, em função das características apresentadas pela figura em causa, colocam-se duas possibilidades.

Uma primeira hipótese, e que se pode considerar formalmente mais próxima, é a associação desta figura a armadilhas de pesca (Figura 4). São conhecidos vários tipos de armadilhas de pesca realizadas com finos ramos ou canas que tendem a assumir uma morfologia ogival e que apresentam um padrão mais ou menos reticulado. Para além da morfologia geral aparentada, estas peças apresentam remates na zona da “boca” que poderiam ser associados ao remate representado na figura. Por outro lado, o entrelaçado dos ramos quando visto de cima acaba por resultar numa sobreposição visual de faces diferentes do engenho, proporcionando uma densificação do reticulado que também se observa na figura presente no recipiente dos Perdigões.

Engenhos como estes poderiam ter sido utilizados na pesca realizada por exemplo no Guadiana, que corre 15km a Este dos Perdigões. A reforçar esta hipótese estão alguns restos de ictiofauna recolhidos nos Perdigões entre os quais se contam restos de *Cyprinidae*, possivelmente *Barbus sp.* (identificação de Sónia Gabriel) registados em contextos do Neolítico Final, e que são evidências directas de pesca fluvial (sendo que a recolha de moluscos fluviais está igualmente atestada – Coelho, 2008).

A outra hipótese que se coloca é a figura representar uma embarcação, mais concretamente do tipo jangada realizada com a junção de pequenos troncos ou canas.

Este tipo de pequenas jangadas é conhecido em vários pontos do globo, normalmente associadas à navegação fluvial e lagunar. Em Portugal conhecem-se exemplares na região de Sines (jangadas de S. Torpes), as quais apresentam uma planta igualmente ogival ou sub-triangular, sendo feitas de canas unidas por travejamento perpendicular de madeira ou atadas com cordas (Figura 5).



Figura 3 – Jangadas ogivais de canas de S. Torpes (Fonte: <http://maeds.amrs.pt/jangadatorpes.html> )

#### 4. Nota final

A interpretação de motivos decorativos da Pré-História Recente nunca é uma tarefa fácil, sendo sempre um risco ao qual fugir será frequentemente o mais avisado. Figuras normalmente muito estilizadas, composições mais ou menos complexas, discursos gráficos que tendem a privilegiar o esquemático geram problemas na determinação do que poderá estar a ser representado, se é de representação que se trata. Naturalmente, estas dificuldades agravam-se quando nos deparamos com um motivo ou um desenho novo, não associado a mais nada e sem paralelos conhecidos que possam auxiliar no processo interpretativo. Restam as associações formais que hoje, com as referências visuais que cada um tem, podemos fazer, procurando avaliá-las na sua maior ou menor plausibilidade.

Neste sentido, as possibilidades aqui avançadas parecem ter alguma viabilidade. A exploração de recursos aquáticos fluviais, seguramente do Guadiana, está directamente atestada nos Perdigões, revelando uma relação com o rio que facilmente se intuiria e admitiria, mesmo se essas evidências directas faltassem. A travessia do rio seria também uma prática comum. Mais que dividir, o Guadiana parece ser a espinha dorsal de uma região de identidades partilhadas a vários níveis e de relações entre os territórios de ambas as margens a diferentes dimensões. São hoje conhecidos nos Perdigões vários objectos e matérias-primas que para ali chegarem tiveram que o atravessar: o cinábrio (Emslie *et al.* 2015), as contas de variscite (Odriozola *et al.*, 2010), as grandes lâminas de sílex oolítico (Valera, in press), possivelmente algumas das cerâmicas decoradas campaniformes ou não (Odriozola *et al.*, 2008).

A propósito da relação entre as duas margens do Guadiana nesta zona escrevi há uns anos: “A margem esquerda, agora estudada no âmbito da minimização de Alqueva, parece constituir-se como uma periferia deste território [do catalizado pelos Perdigões], estando a ele vinculada. As dinâmicas observadas, de abandonos e reocupações, estariam assim relacionadas com o pulsar desta rede de povoamento mais vasta que abrangeria o Vale do Álamo e do seu centro simbólico geograficamente descentrado. Mas não resultará esta ideia do facto de todo o trabalho realizado estar condicionado pelo desenho longitudinal da albufeira de uma barragem? Do desconhecimento do que se passa a alguns quilómetros mais a Leste? Ou ainda dos actuais constrangimentos da geografia política, que nos poderão fazer esquecer que San Blás (bem maior que os Perdigões) está já ali, a duas escassas dezenas de quilómetros mais a Norte? Estas dúvidas são claramente pertinentes e deverão informar programas futuros de desenvolvimento da investigação desta questão. Todavia, há que sublinhar algumas ideias a favor da articulação das duas margens do Guadiana. Uma primeira é a natureza física, geológica. A mancha granítica do Vale do Álamo, que nucleariza o povoamento da margem direita, apresenta um ligeiro prolongamento pela margem esquerda, na zona da Fábrica da Celulose. O facto de esse prolongamento corresponder a uma área relativamente reduzida será mais significativa, porque no conhecimento empírico da paisagem ele é

experienciado precisamente como tal, como um prolongamento de um espaço de características próprias que teria significados próprios. Note-se que foi nesse preciso prolongamento geológico para a margem esquerda que se implantou o único monumento megalítico (poderiam ter sido dois) conhecido no território entre as Ribeiras de Cuncos e Alcarrache, um monumento que representa, ele próprio, o prolongamento do núcleo megalítico do Vale do Álamo. A especificidade deste pequeno espaço, no contexto geológico da margem esquerda, constitui-se como uma zona de recursos única desse lado do Guadiana. Esta situação, associada ao facto de aí se localizar(em) o(s) único(s) sepulcro(s) megalítico(s), poderá ter contribuído para que este espaço se constituísse como um pólo relativamente aos povoados envolventes, gerador de tradição, de frequência e de ponte de contacto com a margem direita, nas leituras semânticas do território e da paisagem. Uma ligação que, de momento, se intui mais do que se demonstra.” (Valera, 2006: 191-192).

Zona de recursos, elemento simbólico, fronteira mais ou menos purosa ou via de ligação por excelência, o Guadiana foi seguramente cruzado, navegado e economicamente explorado pelas comunidades que construíram e utilizaram os Perdigões, sendo um elemento estruturante da paisagem local. Será a figura incisa no interior da taça dos Perdigões uma alusão a essa relação com o rio?

#### Referências Bibliográficas

- COELHO, M. (2008), A fauna malacológica proveniente do Sector I do recinto calcolítico dos Perdigões, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3, NIA-ERA. p.35-40.
- EMSLIE, S.D., BRASSO, R., PATTERSON, W.P., VALERA, A.C., MCKENZIE, A., SILVA, AM., GLEASON, J.D. and BLUM, J.D. (2015), "Chronic mercury exposure in Late Neolithic/Chalcolithic populations in Portugal from the cultural use of cinnabar", *Scientific Reports*, (1/10/2015).
- LAGO, M.; DUARTE, C.; VALERA, A.; ALBERGARIA, J.; ALMEIDA, F. E CARVALHO, A. (1998), Povoado dos Perdigões (Reguengos de Monsaraz): dados preliminares dos trabalhos arqueológicos realizados em 1997, *Revista Portuguesa de Arqueologia*, Vol. 1, nº 1, Lisboa, p. 45-152.
- ODRIOZOLA, C.P., LINARES-CATELA, J.A. E HURTADO-PÉREZ, V. (2010), "Perdigões' green beads provenance analysis", *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 6, p.47-51.
- ODRIOZOLA, C.; HURTADO PÉREZ, V.; DIAS, M.I. E VALERA, A.C. (2008), "Produção e consumo de campaniformes no vale do Guadiana: uma perspectiva ibérica, *Apontamentos de Arqueologia e Património*, 3, NIA-ERA. p.45 – 52.
- VALERA, A.C., (2006), "A margem esquerda do Guadiana (região de Mourão), dos finais do 4º aos inícios do 2º milénio AC", *Era Arqueologia*, 7, Lisboa, *Era Arqueologia / Colibri*, p.136-210.
- VALERA, A.C. (in press), "The "exogenous" at Perdigões. Approaching interaction in the late 4<sup>th</sup> and 3<sup>rd</sup> millennium BC in Southwest Iberia". *Proceedings of the meeting Resource Cultures* (June 2015). Alcalá de Henares/Madrid.